

## Entre a Meditação e a Comunicação: Os olhares de Habermas e Ortega y Gasset frente aos avanços tecnológicos na sociedade

*Gustavo Martins do Carmo Miranda<sup>1</sup>*

### Resumo

Neste trabalho, realizamos uma comparação entre o pensamento de Habermas e Ortega y Gasset no que diz respeito ao processo de construção e das consequências do desenvolvimento tecnológico. Para esse estudo, utilizamos como referência principal a obra *Meditação da Técnica* de Ortega, e o trabalho do autor germânico conhecido como *Técnica e Ciência como "Ideologia"*. Através da leitura e análise desses dois livros, percebemos que ambos os pensadores possuíam uma visão semelhante no que diz respeito às consequências do avanço tecnológico. Se por um lado os dois escritores observaram que esse avanço proporcionou um domínio pleno do homem perante a utilização da técnica, por outro trouxe uma espécie de crença ilimitada do progresso. Pensando nas consequências desse avanço desenfreado da técnica na esfera social, Habermas e Ortega indicaram uma possível saída para esse problema. Era necessário dar uma atenção mais concisa à vida humana em meio ao intenso desenvolvimento tecnológico. Essa atenção seria percebida pelo autor hispânico através do conceito de "raciovitalismo", e pelo pensador germânico diante da noção de "ação comunicativa".

**Palavras-chave:** Ortega. Habermas. Técnica. Raciovitalismo. Ação Comunicativa.

### Between Meditation and Communication: The looks of Habermas and Ortega y Gasset front to technological advances in society

### Abstract

In this work, we made a comparison between the thought of Habermas and Ortega y Gasset said with regard to the process of construction and of the consequences of technological development. For this study, we used as a main reference the work *Meditation Technique* of Ortega, and the work of the author Germanic known as *Art and Science as "Ideology"*. Through the reading and analysis of these two books, we realized that both thinkers had a similar vision as regards the consequences of technological progress. On the one hand, the two writers have observed that this progress has resulted in a field full of man before the use of the technique, on the other hand brought a kind of belief of unlimited progress. It was necessary to give a more concise to human life in the midst of intense technological development. This attention would be perceived by the author Hispanic through the concept of "raciovitalismo", and by Germanic thinker before the concept of "communicative action".

**Key-words:** Ortega. Habermas. Technique. Ratio-Vitalism. Communicative Action.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Sociologia pela UNICAMP . Orientador (a): Dra Elide Rugai Bastos. Financiamento: CNPq

## Introdução

Mais de trinta anos separam a obra *Meditação da Técnica* (1933) de José Ortega y Gasset, do trabalho de Jürgen Habermas chamado *Técnica e Ciência como “Ideologia”* (1968). Enquanto o pensador espanhol escreveu *Meditação da Técnica* em um momento em que Habermas ainda era uma simples criança, esse último elaborou *Técnica e Ciência como “Ideologia”* em um contexto no qual Ortega já havia falecido, e, portanto, não entrou em contato com o trabalho do intelectual germânico. Habermas provavelmente é conhecedor dos escritos do autor hispânico, porém não houve alguma menção de Ortega y Gasset no escrito de 1968. Diferenças como de época e de geração marcaram essas duas obras desses intelectuais, porém não impedem de relacioná-las.

A despeito dessas diferenças, não podemos esquecer um aspecto essencial que rodeava esses intelectuais, ou seja, a situação da Europa em meados do século XX. Se lembrarmos cautelosamente o momento histórico que assolava o velho continente, veremos com clareza que tanto Ortega como Habermas, estavam inseridos em circunstâncias turbulentas. No caso do pensador espanhol, tanto o período entre guerra, como a situação interna da Espanha, eram sinônimo de preocupação. No momento da elaboração de *Meditações da Técnica*, Ortega y Gasset já havia presenciado a Primeira Guerra Mundial, os desfechos da Revolução Russa, o advento dos movimentos nazifascistas e a ditadura de Primo de Rivera em seu país. Ademais, o pensador de Madri, constituía naquele contexto uma certa bagagem intelectual tanto de formação, quanto de produção. Um exemplo seria a obra *A Rebelião das Massas* (1930)<sup>2</sup>, produzida exatamente em virtude das conturbações observadas no continente europeu.

Em relação a Habermas, podemos inseri-lo em um quadro um pouco posterior ao de Ortega, mas que também marcou uma intensa transformação e agitação no continente europeu. Na sua juventude, os desencadeamentos da Segunda Guerra Mundial já tinham ocorrido ainda em sua adolescência, bem como as atrocidades do holocausto em seu país. O início de seus estudos universitários em 1949 se estabeleceu em um momento histórico de pós – guerra, cujo desfecho significaria para a Alemanha uma divisão territorial pós o Tratado de Potsdam. Antes da obra *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, Habermas (que foi assistente de Adorno<sup>3</sup> entre 1956-1959), já

---

<sup>2</sup>Comparamos aqui, o que Ortega chamou de “estratificação da vida”, em virtude da intervenção do Estado (Ortega y Gasset, 1950a). Isso não seria uma preocupação muito distante da elaboração sugerida por Habermas em *Técnica e Ciência como “Ideologia”* em relação à “autocoisificação dos homens” (Habermas, 2009).

<sup>3</sup> Habermas, apesar de ter sido assistente de Adorno, não o poupou de algumas críticas. Uma delas dirigia-se à superficialidade de Adorno ao reconhecimento dos trabalhos de Heidegger, e da filosofia alemã contemporânea desenvolvida naquele período (Oliveira, 2008).

estava interessado em interpretar algumas questões concretas da época. Em 1961, escreveu um trabalho conhecido como *Estudantes e Política*, onde procurava compreender a consciência política dos estudantes germânicos naquele período. (VILASCO, 2003).

Além dessas relações anteriormente citadas, poderíamos estender um pouco mais e estabelecer outra aproximação em torno esses dois intelectuais. Estamos falando da Alemanha como ponto de referência do desenvolvimento intelectual. É claro que não seria necessário descrever minuciosamente a trajetória de Habermas neste contexto, pois o autor (germânico como é) absorveu todo o tipo de influência cultural de seu país no decorrer de sua formação, além de ter sido assistente de Adorno e também pertencer à chamada Escola de Frankfurt. O interessante seria rapidamente destacar a trajetória de estudos de Ortega em sua juventude, onde o país alemão exerceu uma sólida influência em seu pensamento. O autor espanhol no início do século XX entrou em contato com algumas correntes de pensamento (como o Neokantismo), e intelectuais alemães da época (como Georg Simmel). Foi um momento de profunda admiração de Ortega y Gasset pelo universo cultural alemão. “La cultura germânica es la única introducción a la vida esencial” (ORTEGA Y GASSET, 1950b, p. 210).<sup>4</sup>

Se Ortega foi consideravelmente influenciado pela cultura alemã, a relação entre os frankfurtianos com o pensamento do autor espanhol, também pode ter um ponto de proximidade considerável. Segundo Renato Ortiz (1985), a noção da sociedade de massas e barbárie desenvolvidas por Ortega y Gasset na obra *A Rebelião das Massas*, tiveram um peso essencial para a Escola de Frankfurt. Mas se quisermos ser um pouco mais ousados, poderíamos sugerir também que a própria noção de uma teoria crítica pautada em buscar algo novo em relação àquilo que a teoria tradicional propunha (Horkheimer, 1975)<sup>5</sup>, sugeriria uma possível aproximação diante da necessidade da realização da chamada “crítica pessoal” exposta pelo autor hispânico em um artigo conhecido como *Glosas*<sup>6</sup>. Ademais, devemos lembrar que a natureza interdisciplinar dos estudos realizados na Escola de Frankfurt para desenvolver um pensamento social, não seria muito diferente do estilo da Sociologia desenvolvida pelo escritor espanhol, caracterizada exatamente pelo intenso diálogo com outras áreas do saber. (SAAVEDRA, 1991).

Voltando à relação entre os dois autores, para desenvolver tal processo de aproximação, partiremos de suas visões a respeito da técnica enquanto um processo de intenso desenvolvimento

---

<sup>4</sup> “A cultura germânica é a única introdução à essência da vida” (tradução nossa).

<sup>5</sup> Não queremos aqui entrar detalhadamente em relação à noção da Teoria Crítica elaborada pelos frankfurtianos. Apenas destacamos a postura detectada por Horkheimer em designar à Teoria Crítica um exercício para compreender os elementos, e não apenas descrevê-los (Lima, 2011).

<sup>6</sup> Para Ortega (1950c), a elaboração da crítica não poderia ter um caráter impessoal, pois deveríamos entender os fatos para tomar partido de alguma situação.

atingido especialmente na sociedade europeia, a partir do século XX. Destacaremos que a necessidade de compreender as conseqüências do avanço tecnológico na sociedade, bem como da própria vida dos indivíduos, foi um assunto em comum tratado por Ortega y Habermas. Mas mais do que isso, ambos também propunham um possível caminho para conter o avanço tecnicista.

## 1 A noção da técnica em Ortega y Gasset: a ação humana sobre o meio

A concepção de técnica elaborada pelo autor espanhol na obra *Meditação da Técnica* englobou (por um lado) toda uma definição positiva de uma relação entre a própria técnica e o homem. Nesse sentido, Ortega atribuiu inicialmente a capacidade dos homens em modificar (através da produção), a natureza que os envolvia. Essa seria a grande diferença entre os indivíduos e os animais. “É pois, a técnica, a reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela [...]. (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 14). Ao modificar o meio, o homem teria a capacidade de reorganizar o seu próprio contorno, através de novas descobertas. Nesse sentido, o pensador hispânico atribui ao fazer técnico, o resultado das ações humanas terem a capacidade de transformar e criar novas ferramentas para o desenvolvimento histórico da humanidade (onde os estágios da técnica apresentados pelo autor à técnica do acaso, do artesanato e da técnica). Isto acaba lembrando a concepção dada por Karl Marx em relação à virtude do homem como um ente capaz de produzir suas próprias ferramentas e suas condições de existência. (BRÜSEKE, 2005). A reorganização do meio, seria possível através do conceito de “ensimesmamento” atribuída aos homens pelo pensador hispânico, isto é, uma ação (realizada pelos próprios indivíduos) capaz de atuar e modificar as circunstâncias que os rodeiam. Os animais, pelo contrário, viviam em um estado de pura “alteração” (presos ao meio).

A técnica pensada neste ponto de vista significaria a própria capacidade dos homens em modificar a natureza, buscando novas alternativas para a adaptação ao meio em que viviam. Entretanto, esse fato não seria restrito apenas a uma adaptação por assim dizer biológica. Um ponto interessante destacado por Ortega seria a noção de prazer advinda do processo da técnica, isto é, o bem-estar. Nesse sentido, o agir técnico estaria relacionado também à própria dinâmica de convivência de um determinado grupo. “Os povos mais primitivos usam as covas para acender nelas fogo e pôr-si a suar em forma tal que entre o fumo e o excesso de temperatura caem em transe de quase embriaguez. É o que se chamou as casas de suar”. (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 19). Teríamos no processo da realização da técnica, também esse lado do prazer, que influenciaria nas

relações culturais dos povos. Esses estados dos prazeres poderiam estar relacionados a várias dimensões da vida humana.

Outro exemplo interessante destacado por Ortega seria a forma de vida assumida pelos *bodhisattva* (seguidores do Budismo). Segundo o autor espanhol, esses grupos não viveriam no intuito de utilizar a técnica como função de alterar a natureza em uma forma meramente material. Eles estariam interessados na reforma do corpo e da psique. “Isto me chama a atenção de que a técnica é função do variável programa humano. Por outro lado, esclarece-nos também de tudo aquilo que o homem [...] tem um ser extranatural”. (*ibidem*, p. 53). Nesta passagem, temos umas das características marcantes no decorrer de seu pensamento, isto é, trazer para a discussão a vida humana enquanto uma realidade a ser considerada. Não se trataria de uma realidade material ou abstrata, mas uma existência histórica, em constante transformação, que abarcaria muitas características. “Neste sentido, o homem não é uma coisa, mas uma pretensão de ser isto ou aquilo. Cada época, cada povo, cada indivíduo modula de diverso modo a pretensão geral humana”. (*ibidem*, p. 40). A técnica englobaria uma das dimensões em meio à vida humana. Daí a importância da história<sup>7</sup> dada por Ortega para situar algumas características das atividades técnicas como forma de perceber a diversidade encontrada em determinadas situações. Se por um lado tínhamos os *bodhisattva*, por outro tínhamos o chamado *gentleman* do século XIX. De acordo com o autor espanhol, o *gentleman* (em oposição ao *bodhisattva*) tinha a pretensão de viver a vida com intensidade, buscando sempre o domínio sobre a matéria e uma maior prosperidade econômica. (*ibidem*, 1963).

Esses diferentes fazeres tecnológicos foi o que o escritor designou como “programas vitais”, isto é, ações que não envolviam necessariamente apenas um agir baseado no tecnicismo de criação das coisas. Existiria também um contexto histórico de realização e satisfação. O que não poderia acontecer, seria o extremo de um dos lados prevalecer sobre o outro (ser totalmente *gentleman* ou *bodhisattva*). “Seja como for, é preciso ir pensando num tipo exemplar de vida que conserve o melhor do *gentleman* e seja, ao mesmo tempo, compatível com a pobreza que inexoravelmente ameaça nosso planeta [...]”. (*Ibidem*, p. 63. Grifos do autor).

### 1.1 A outra face da técnica ou a “técnica da técnica”

---

<sup>7</sup> A relevância da história na visão de Ortega y Gasset, se referiria à necessidade de uma maior percepção e sensibilidade aos acontecimentos ocorridos no passado, isto é, não perceber a história como um processo linear e evolucionista (ORTEGA Y GASSET, 1983).

Se por um lado Ortega ofereceu uma análise positiva da técnica enquanto um mecanismo de transformação do meio realizado pelas ações humanas, por outro esse mesmo elemento técnico proporcionaria (através de seu intenso progresso), uma consequência preocupante para os rumos da sociedade e dos indivíduos.

Antes mesmo de Ortega y Gasset, essa angústia do avanço tecnológico tornou um objeto de estudo de alguns escritores no começo do século XX. Um desses autores (lido inclusive pelo pensador hispânico) foi o alemão Oswald Spengler. Spengler, em sua obra *Decadência do Ocidente* (1918), já mostrava algumas considerações em relação aos resultados providos do desenvolvimento das sociedades. Esboçando um estudo que indicava a ascensão e a queda de diferentes culturas (BRÜSEKE, 2005), o autor germânico (em meio à Primeira Guerra Mundial) apontava naquele contexto, os resultados da incontável capacidade criadora dos homens no meio social.

Voltando às análises do pensador espanhol, a chamada “técnica da técnica” designada por Ortega y Gasset em *Meditações da Técnica*, seria justamente o último estágio de desenvolvimento técnico até então atingido pela humanidade. Essa última fase estaria inserida na própria era moderna, onde os indivíduos assumiriam uma “[...] consciência suficientemente clara de que possui uma certa capacidade por completo distinta das rígidas, imutáveis, que integram sua porção natural ou animal”. (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 83). Nesta afirmação, o autor hispânico expôs justamente a natureza da técnica na modernidade, onde os indivíduos assumiriam a plena consciência de suas capacidades em transformar o meio, rompendo de vez as amarras presentes em outros estágios da técnica. O progresso seria resultado dessa ausência de obstáculos. Nesse sentido, não haveria um limite para a criação e a invenção. O homem haveria encontrado o seu ápice de discernimento sobre os processos de manuseio tecnológico. “Não é uma inspiração mágica nem puro acaso, mas método, caminho preestabelecido, firme, consciente de seus fundamentos” (*ibidem*, pp. 96-95). Mas esse fato resultaria justamente no lado perverso da técnica.

Atingindo esse estágio de plena confiança da técnica, os indivíduos viam-se plenamente seguros da própria ciência. Os domínios sobre os mecanismos de construção, planejamento e execução das coisas, deixavam de lado o refletir ou se quisermos utilizar os termos de Ortega o “ensimesmar” sobre as circunstâncias. Esse fato era a grande preocupação do autor espanhol para a civilização europeia no começo do século XX. “Isto é, que o homem está hoje, sem seu âmago, atordoado precisamente pela consciência de sua principal limitação. E talvez isso contribui para que já não se saiba quem é [...]” (*ibidem*, p. 84). Seria como se o estágio caracterizado pelo autor hispânico como “técnica da técnica”, atingisse um ponto tal que a própria esfera vital dos homens se perderia em meio à intensa devoção ao tecnicismo. A relação entre a técnica e os indivíduos era de

fato importante, porém os rumos atingidos por tamanha confiança no fazer tecnológico, angustiava o pensador hispânico. Essa preocupação estaria relacionada à perda da faculdade de discernimento das coisas, devido à fé cega na técnica. Um dos próprios autores que influenciou Ortega (George Simmel) já alertava para esse fato:

De acordo com Simmel, é próprio do processo cultural moderno o perigo de os âmbitos objetivos tornarem-se autônomos relativamente aos sujeitos que os construíram. A ciência e a tecnologia, entre outros domínios como a arte, estão entre essas esferas. (GARCIA, 2007, p. 313).

Esse perigo dos âmbitos objetivos se tornarem em certo sentido autônomos, tal como nos esclarece José Garcia em sua passagem acima, seria a própria análise orteguiana sobre o conceito de “alteração”. Se voltarmos um pouco às páginas desse trabalho, veremos que o autor hispânico afirmou que a principal diferença entre os homens e os animais seria a capacidade dos primeiros em atuar e modificar os meios. Os animais por outro lado, viveriam presos às circunstâncias, este seria o estado de “alteração”. Mas devido aos rumos atingidos pelo avanço da tecnologia, essa diferença entre os homens e os animais começaria a não fazer um sentido tão óbvio assim, pois os próprios indivíduos pareciam estar “amarrados” ao entorno, sem capacidade de ação e de discernimento das coisas ao seu redor.

Partindo de uma visão preocupante da técnica na modernidade, Ortega colocou em questão o outro lado da relação entre o agir tecnológico e o sentido dessa ação para os indivíduos na sociedade. O grande domínio científico, por exemplo, era um dos fatores que angustiava o autor:

A esta situação chegou a física atual. Uma situação bastante paradoxal. Sem ser irritante. É ela para o homem ocidental a ciência por excelência, o orgulho de toda sua civilização. Mas a ciência parece dizer conhecimento, e conhecimento parece significar presença em nossa mente do que as coisas são. (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 119).

Graças ao progresso da técnica, a Física enquanto uma ciência conseguiu de fato alcançar um avanço invejável. No entanto, o contínuo desenvolvimento científico teria suas consequências nada agradáveis. Basta olharmos com atenção os resultados dos experimentos para a bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial. Ortega nos anos trinta do século XX, já alertava para tal problemática do avanço tecnológico.

## 2. A “ação racional teleológica” e sua implicação na mudança da sociedade

Em *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, Habermas não estava preocupado em analisar de modo minucioso (tal como fez Ortega), o fazer técnico. A discussão do autor alemão englobava vários outros campos, além de estabelecer um intenso diálogo crítico com alguns autores, como Marcuse, Weber, e Marx. Porém, o tema da técnica não deixou de possuir um lugar de extrema importância nesta obra (antes mesmo deste escrito de 1968, o autor germânico publicou um trabalho chamado *Progresso Técnico e Mundo Social da Vida*). Compreender os avanços tecnológicos atingidos pela sociedade capitalista pós Segunda Guerra Mundial, seria um elemento de extrema relevância em Habermas, naquele momento.

Assim como em Ortega, analisaremos em Habermas os dois lados do progresso tecnológico, e suas consequências. Em um primeiro lugar, daremos uma atenção atribuída pelo autor germânico à mudança da sociedade tradicional para a sociedade capitalista. Esse fato estaria relacionado ao avanço das esferas da chamada “ação racional teleológica”. Como salientamos anteriormente, em *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, Habermas estabeleceu um intenso diálogo com alguns autores, tais como Max Weber. E seria justamente deste último que o autor germânico resgata para o leitor o conceito de racionalidade (no caso a ação racional em relação a fins). “A racionalização progressiva da sociedade depende da institucionalização do progresso científico e técnico. Na medida em que a técnica e a ciência invadem as esferas institucionais, desmoronam-se as antigas legitimações” (HABERMAS, 2009, p. 45). É preciso deixar claro que esta retomada do conceito weberiano não significaria uma tomada de posição de Habermas a este conceito durante o desenvolvimento do seu trabalho. No entanto, essa definição serviu de apoio para o escritor germânico estabelecer uma relação entre a passagem da sociedade tradicional para a moderna, através da noção de racionalização.

Ao resgatar Weber, Habermas procurou ir além do conceito weberiano de racionalização, estabelecendo um novo enfoque em torno das categorias de trabalho e de interação (daremos por enquanto uma atenção à primeira). Neste sentido, o autor germânico assinalou os seguintes argumentos:

Por trabalho ou ação racional teleológica entendo ou a ação instrumental ou a escolha racional ou, então, uma combinação das duas. A ação instrumental orienta – se por regras técnicas que se apoiam no saber empírico [...] O comportamento da escolha racional orienta-se por estratégias que se baseiam num saber analítico. [...] A ação racional teleológica realiza fins definidos sob condições dadas. (*ibidem*, p. 57).

A “ação racional teleológica” estaria relacionada com a própria capacidade dos homens em dominar os objetos (COHN, 1993). Seria uma própria relação entre o produtor e a produção, uma

espécie de agir construtivista. Apesar de existir uma ligeira diferença entre esses dois núcleos da “ação racional teleológica”, o que é importante frisar nesta definição de Habermas seria como esse tipo de ação ligada à categoria do trabalho, conseguiu se expandir na modernidade. Nas chamadas sociedades tradicionais, haveria uma espécie de bloqueio em torno da própria “ação racional teleológica”. “A expressão sociedade tradicional refere-se à circunstância de que o marco institucional repousa sobre o fundamento legitimatório [...] contido nas interpretações místicas, religiosas ou metafísicas da realidade” (HABERMAS, 2009, p. 62). Essas interpretações serviam como suporte no meio social e limitavam as ações de caráter racional. Porém, isso se modificaria com o advento do capitalismo, somado ao crescimento econômico. Neste sentido, esse novo estágio de força produtiva, proporcionou um alargamento da “ação racional teleológica”, rompendo as antigas amarras legitimadoras tradicionais, possibilitando o advento do desenvolvimento na sociedade em diferentes esferas. Uma delas seria a ciência.

A ciência moderna assume, neste contexto, uma função peculiar. Diferentemente das ciências filosóficas de tipo antigo, as modernas ciências experimentais desenvolvem-se desde a era de Galileu, num marco metodológico de referência que reflete o ponto de vista transcendental da possível disposição técnica. As ciências modernas geram por isso um saber que pela sua forma (não pela sua intenção subjetiva), é um saber tecnicamente utilizável [...]. (*ibidem*, pp. 66-67).

A expansão da “ação racional teleológica” possibilitou justamente o pleno desenvolvimento das próprias ações dos indivíduos frente à nova configuração da sociedade moderna. Uma das consequências dessa expansão seria o progresso da ciência somado ao domínio técnico dos processos de construção e produção. Graças a esse feito, o campo científico ganharia uma notável interdependência frente às antigas legitimações tradicionais.

## 2.1 A “cientificação da técnica” e seu aspecto legitimador

Se Ortega y Gasset tinha como uma de suas fontes de diálogo a obra de Oswald Spengler chamada *Decadência do Ocidente*, Habermas escreveu o seu trabalho de 1968 pensando justamente no escrito de Marcuse chamado *A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional (1964)*. Entender o resultado do progresso da técnica através das novas legitimações, parecia ser um resgate crítico de Habermas das análises de Herbert Marcuse a respeito das consequências do progresso da tecnologia na sociedade moderna. (MARCUSE, 1982).

A evolução do capitalismo, somado com sua transformação em um capitalismo de tipo tardio, proporcionaria o advento de uma nova forma de força legitimadora estabelecida em torno do progresso tecnológico e científico. Neste sentido, teríamos uma nova espécie de dominação, e isso refletiria nas próprias esferas da ação:

Enquanto as forças produtivas dependiam de modo intuitivo e evidente das decisões racionais e da ação instrumental dos homens que produziam socialmente podiam entender-se como um potencial de progressivo poder de disposição técnica, mas não podiam confundir-se com o marco institucional em que estão integradas. No entanto, com a institucionalização do progresso técnico-científico, o potencial das forças produtivas assumiu uma forma que leva o dualismo do trabalho e interação a ocupar um segundo plano na consciência dos homens. (HABERMAS, 2009, p. 73).

Nesta passagem, Habermas chamou à atenção para o sentido da mudança na sociedade em torno da legitimação do progresso tecnológico e científico. Esse fato proporcionou uma transformação significativa para as categorias de trabalho e interação colocadas pelo autor em *Técnica e Ciência como "Ideologia"*. E é aqui que voltamos a essas duas categorias salientadas pelo pensador germânico. Se a “ação teleológica” (ligada ao trabalho), significava tanto um modo de agir instrumental, como estratégico, a “ação comunicativa” (relacionada à interação), envolvia outra definição. “[...] entendo por ação comunicativa uma interação simbolicamente mediada. Ela orienta-se segundo normas de vigência obrigatória que definem as expectativas recíprocas de comportamento [...]”. (*ibidem*, p.57). Seria uma espécie de ação situada em um conjunto de normas, porém composta de uma relação recíproca entre os agentes nelas envolvidos. Haveria uma troca recíproca de informações entre os sujeitos, proporcionando a inteligibilidade dos atos, bem como o diálogo em torno das diversas questões envolvidas no meio social. Levando em consideração a diferença entre essas duas categorias da ação, o que ocorreu com o progresso do capitalismo de tipo tardio, seria a ausência da noção de uma diferença entre esses dois elementos, culminando com a preponderância da “ação teleológica”.

Diante desta preponderância, a legitimação da chamada “cientificação da técnica” projetou uma nova ideologia baseada em uma consciência de tipo tecnocrática. Esse novo aspecto ideológico refletiria nas próprias dinâmicas da sociedade, ao bloquear a reflexão construída pelo conhecimento de caráter técnico, e as orientações práticas que determinariam o comportamento da vida (Lubenow, 2013). Seria como se o aparato tecnocrático inibisse a inteligibilidade dos próprios processos construídos e desenvolvidos no meio social:

A nova ideologia viola assim um interesse que é inerente a uma das condições fundamentais da nossa existência cultural: a linguagem ou, mais exatamente, a forma de socialização e individualização determinada pela comunicação mediante a linguagem comum. (HABERMAS, 2009, p. 82).

Nesse sentido, a tecnocracia reinante no capitalismo de tipo tardio contribuiria para que as “ações comunicativas” perdessem o seu espaço no âmbito social. O tecnicismo assumiria o pleno controle das diferentes esferas da sociedade. Assim, a nova ideologia estaria imposta. Essa era a outra face da técnica observada por Habermas, que ao se misturar com a ciência, formaria uma espécie de nova força de dominação na era do capitalismo tardio, bloqueando as esferas de reflexão, interação e discussão.

### 3. Para além do tecnicismo: entre o “raciovitalismo” e a “ação comunicativa”

Tanto em *Meditações da Técnica*, quanto em *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, ocorreu uma necessidade de perceber os limites da técnica. A crítica de Habermas e Ortega se dirigia aos resultados atingidos pelo intenso progresso tecnológico. Não se tratava de rejeitar as conquistas, mas reavivar na sociedade a própria natureza humana dos sujeitos, só assim seria possível resgatar a capacidade de reflexão, diálogo e consciência dos indivíduos. Ortega y Gasset em uma das passagens de *Meditação da Técnica*, expressou o seu posicionamento em relação à diferença entre o agir técnico e a vida humana:

O programa vital é pré-técnico. O técnico ou a capacidade técnica do homem tem como missão inventar os procedimentos mais simples e seguros para conseguir as necessidades do homem. Mas estas, como vimos, são também invenção por excelência, que é o desejo original. (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 47).

Nesta passagem, temos uma importância dada para se estabelecer a expansão do horizonte da ação. Seria necessário lembrar que a vida humana enquanto totalidade englobaria uma complexidade de virtudes. O agir técnico seria uma parte dessa amplitude de sentidos. Se lembrarmos com atenção algumas passagens anteriores desse trabalho, veremos justamente que um dos atributos dos sujeitos destacados por Ortega, seria a capacidade de “ensimesmar”. Esse atributo não dizia respeito simplesmente à natureza modificadora e criadora do meio. Significava, além disso, uma característica relacionada à nossa capacidade de reflexão e consciência sobre a nossa volta. Só assim se

desenvolveriam os diversos elementos presentes na sociedade. Assim, Ortega procurou resgatar a chamada razão narrativa. (CONILL-SANCHO, 2012). Ou seja, a própria vida humana enquanto uma totalidade de significados e sentidos. “Somente numa entidade onde a inteligência funciona a serviço de uma imaginação não técnica, mas criadora de projetos vitais, pode construir-se a capacidade técnica”. (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 69).

Em *Meditação da Técnica*, o autor espanhol não mencionou a noção de “raciovitalismo”. No entanto, foi um elemento que de certa forma apareceu neste livro. Pois, se levarmos em conta que esse trabalho foi produzido nos anos 30 do século XX, conseguimos perceber segundo as afirmações de Sandra Pérez e José Moral (2009), que o conceito de “raciovitalismo” elaborado por Ortega fez parte da terceira etapa do seu pensamento teórico (situado entre 1923 até 1955). Através desse conceito, teríamos de forma mais clara o seu real projeto frente aos avanços da técnica na modernidade. O “raciovitalismo” seria uma espécie de “terceira via” frente aos argumentos pautados totalmente no subjetivismo, como aqueles direcionados apenas ao racionalismo. “[...]el raciovitalismo sostiene que tanto las cosas como nosotros somos parte de esta enramada llamada vida”. (MORAL; PÉREZ, 2009, p. 55)<sup>8</sup>.

Através da definição de “raciovitalismo”, Ortega nos apresentou um novo mecanismo para se pensar a relação do indivíduo com o próprio meio. Esse seria o caminho para conter o predomínio do domínio técnico. Não seria nem uma espécie de descrédito total ao racionalismo, bem como uma valorização abstrata do sujeito. O programa “raciovitalista” buscaria uma mediação entre a vida e as circunstâncias. As circunstâncias seriam exatamente tudo o que estaria presente na sociedade. Portanto, o projeto orteguiano buscava o resgate do sentido das coisas, dos nossos atos e das nossas interações.

Em relação à Habermas, poderíamos dizer a princípio (que assim como Ortega), o autor alemão procurou trazer à tona outros atributos presentes na esfera social, que não estariam necessariamente inseridos na relação com a técnica. Estamos falando da “ação comunicativa”<sup>9</sup>. Já indicamos anteriormente a característica desse tipo de agir, pautada, sobretudo em um “[...] mundo das relações interpessoais, à interação, e tem um caráter comunicativo”. (COHN, 1993, p. 66). Seria a própria troca de diálogo entre os sujeitos. Nesse espaço, haveria um entendimento mútuo das ações. Habermas pretendia resgatar a “ação comunicativa”, perdida em meio à predominância da “ação teleológica”. Não se trataria de excluir por completo a esfera técnica, mas sim de limitá-la em

---

<sup>8</sup> “[...] o raciovitalismo argumenta que tanto as coisas como nos somos parte desta vastidão chamada vida. Viver é para Ortega relacionar com o mundo, ou seja, com as coisas: esta interação é a vida” (Tradução nossa).

meio aos seus avanços. As categorias de trabalho e de interação teriam que se apresentar novamente como dois polos distintos, mas presentes na sociedade:

Habermas esclarece que a discussão racional não pode concentrar-se exclusivamente nos meios técnicos, visto que o controle científico dos processos naturais e sociais – as tecnologias – não exime os homens da ação. Ou seja, não é possível excluir os homens das decisões, dos conflitos, das discussões. (LUBENOW, 2013, p. 97).

Assim, seria necessário garantir que a “ação comunicativa” conseguisse o seu espaço frente ao próprio sistema capitalista de tipo tardio. Através de seu caráter interativo, as discussões e os diálogos poderiam reavivar a consciência dos indivíduos frente à legitimação tecnocrática, garantindo novamente a politização dos sujeitos. O caminho sugerido por Habermas no seu trabalho de 1968 seria a organização ativa dos grupos de estudantes. “Ao longo prazo, pois, o protesto dos estudantes podia destruir duradouramente a ideologia do rendimento [...] e, assim, destruir o fundamento legitimador do capitalismo tardio [...]”. (HABERMAS, 2009, p. 92). O autor alemão buscava justamente em um grupo situado (em certo limite) afastado das amarras proporcionadas pela dominação tecnocrática, o caminho para o restabelecimento da atividade comunicativa.

É claro que em *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, Habermas estava apenas iniciando suas análises a respeito da “ação comunicativa”. O seu trabalho conhecido como *Teoria da Ação Comunicativa* (1981), conseguiu apresentar de forma mais ampla esse conceito. Mas o fato é que o autor alemão, ao promover a ideia de um agir do tipo comunicativo, nos fez pensar justamente em um modelo de relação e interação entre os sujeitos diante dos próprios desdobramentos da legitimação do poderio da tecnocracia. Seria preciso pensar em um esquema capaz de proporcionar aos próprios sujeitos à capacidade de debater, construir e interagir mediante as normas estabelecidas. A “ação comunicativa”, mais do que uma análise teórica, permitiria situar com maior clareza os problemas e as possíveis soluções da nova configuração da sociedade no pós Segunda Guerra Mundial.

### Considerações finais

Neste trabalho, analisamos de forma modesta uma possível linha de argumentação aproximativa entre Ortega y Gasset e Habermas. Diante disso, optamos por reduzir o foco de comparação entre esses dois pensadores para a temática da técnica, dando destaque em duas obras: *Meditação da Técnica* do escritor espanhol e *Técnica e Ciência como “Ideologia”* do autor germânico.

Apesar de destacarmos no início desse trabalho a diferença temporal entre o período de construção desses dois escritos, bem como a diferença entre as próprias épocas vividas pelos autores, conseguimos no decorrer de nossa análise encontrar alguns pontos de convergência entre as ideias de Ortega e Habermas.

O ambiente intelectual germânico exerceu uma profunda influência no desenvolvimento do pensamento do escritor hispânico (através de seus estudos na Alemanha no início do século XX). Se Habermas foi profundamente influenciado pelo caráter interdisciplinar, crítico, e reflexivo da primeira geração da chamada Escola de Frankfurt, Ortega y Gasset conseguiu em certo sentido absorver dos alemães essa natureza complexa de construção teórica. Tanto em *Meditação da Técnica*, como em *Técnica e Ciência como "Ideologia"*, encontramos não apenas os impactos do progresso tecnológico na sociedade, mas uma reflexão sobre os caminhos a serem seguidos para superar uma força tecnocrática legitimadora. Ortega e Habermas conseguiram em certo sentido apresentar para o leitor uma saída para os impactos do excessivo desenvolvimento da técnica. Ambos estavam pensando na natureza humana, nos sujeitos como entes capazes de romper as amarras vigentes. O homem não seria dotado simplesmente da capacidade técnica. A resolução estaria posta na vida humana, mas uma vida em diálogo com o concreto, com o visível. O pensador hispânico procurava resgatar o nosso "ensimesmar" frente às circunstâncias, isto é, era preciso trazer novamente à tona a nossa capacidade de refletir e ter consciência sobre os nossos atos. Não estaríamos somente inseridos em um determinado meio, reproduzindo determinados atos. Isso caracterizava um estado de simples "alteração". Em Habermas, a solução viria em um tipo de agir relacionado à interação, capaz de reestabelecer o diálogo, a relação e a discussão entre os sujeitos no ambiente social. Só assim seria possível superar a legitimação tecnocrática do capitalismo tardio.

Dessa forma, tomando como base essas linhas argumentativas sugeridas pelos dois autores, poderia ser estabelecida uma aproximação do chamado "raciovitalismo" orteguiano e da "ação comunicativa" habermasiana. Em ambos os casos, teríamos uma visão crítica tanto do racionalismo, como do subjetivismo. Era preciso romper com essa visão. O poderio tecnocrata deveria ser vencido por outras vias. Em Ortega, o projeto "raciovitalista" estaria inserido na própria totalidade do âmbito da vida. Seria uma necessidade de nos percebermos no mundo como sujeitos inseridos nas circunstâncias. Para o pensador, era necessário se afastar das visões unilaterais do racionalismo, do idealismo e do racionalismo (Moral; Pérez, 2009), e pensar em uma dimensão relacional entre o homem o seu contorno. Já em Habermas, a ação de caráter comunicativo englobaria uma rede de interações intersubjetivas entre os sujeitos na esfera social. A vida humana também ganharia um enfoque primordial, justamente através de uma ação pensada no âmbito das relações comunicativas

entre os indivíduos. Não seria uma análise abstrata, mas inserida nas próprias normas vigentes. “É por esse caminho que Habermas consegue dispensar o recurso às intenções subjetivas dos atores, ou às formas de consciência social [...] ao construir uma teoria [...] centrada na ação [...]” (COHN, 1993, p. 71). Essa teoria da ação fortaleceria justamente a relação interativa dos indivíduos frente aos marcos institucionais vigentes, promovendo uma repolitização.

**Agradecimentos:** Ao CNPq, por ter possibilitado e financiado esta pesquisa. À professora Elide Rugai, pelas dicas e incentivos nas leituras.

## Referências

BRÜSEKE, Franz Josef. Ética e técnica? Dialogando com Marx, Spengler, Jünger, Heidegger e Jonas. *Ambiente & Sociedade*, n.2, v3. São Paulo, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v8n2/28604.pdf>>. Acesso em 21 de outubro de 2014.

COHN, Gabriel. A teoria da ação em Habermas. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.). *Teorias da Ação em Debate*. São Paulo: Cortez: FAPESP: Instituto de Estudos Especiais, PUC. 1993.

CONILL-SANCHO, Jesús. La superación del naturalismo em Ortega y Gasset. *Isegoría. Revista de Filosofía Moral y Política*, n.º 46. Madri, 2012. Disponível em <<http://isegoria.revistas.csic.es/index.php/isegoria/article/viewFile/778/777>>. Acesso em 10 de outubro de 2014.

GARCIA, José Luíz. Sobre as origens da crítica da tecnologia na teoria social: Georg Simmel e a autonomia da tecnologia. *Associação Filosófica Scientia Studia*, v. 5, n. 3. São Paulo, 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-31662007000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662007000300003)>. Acesso em 25 de novembro de 2014.

HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: FIORI, Otilia B; LOPARIÉ, Zerlika (Orgs.). *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril. 1975.

LIMA, Aluizio Ferreira de. Sobre a crítica de Jürgen Habermas ao projeto, frankfurtiano: separação epistemológica ou continuidade de uma tradição? *Revista de Pesquisas e Estudos em Psicologia*, v.

11, n.1. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8758/6643>>. Acesso em 05 de novembro de 2014.

LUBENOW, Jorge Adriano. A despolitização da esfera pública em Jürgen Habermas sobe a perspectiva epistemológica. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, n. 22. São Paulo, 2013. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/59442/62610>>. Acesso em 17 de novembro de 2014.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. 6. ed. Rio de Janeiro : Zahar. 1982.

MORAL, José Antonio Hernanz; PÉREZ, Sandra Garcia. El raciovitalismo: una propuesta para el docente desde la perspectiva de la filosofía de Ortega y Gasset. *Pompeia*, n. 5. Veracruz, 2009. Disponível em <<http://www.uv.mx/pampedia/numeros/numero-5/raciovitalismo.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

MUNTADA, José Maria Carabante. Un análisis de las implicaciones ideológicas de la ciencia en la obra de Jürgen Habermas. *Anuario de Derechos Humanos. Nueva Época*, v. 1. Madri, 2007. Disponível em <<http://revistas.ucm.es/index.php/ANDH/article/viewFile/ANDH0707110011A/20742>>. Acesso em 13 de outubro de 2014.

OLIVEIRA, Paulo César de. A ética da ação comunicativa em Habermas. *Revista Estudos Filosóficos*, n°1. Juiz de Fora, 2008. Disponível em <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art2-rev1.pdf>>. Acesso em: 4 de novembro de 2014.

ORTEGA Y GASSET, José. La Rebelión de las Masas. *In: Revista de Occidente (Org.). Obras Completas*. Tomo IV. 2. ed; Madri:Alianza Editorial. 1950a.

\_\_\_\_\_. Alemán, Latín y Griego. *In: Revista de Occidente (Org.). Obras Completas*. Tomo I. 2. ed; Madri: Alianza Editorial. 1950b.

\_\_\_\_\_. Glosas. *In: Revista de Occidente (Org.). Obras Completas*. Tomo I. 2 ed. Madri:Alianza Editorial. 1950c.

\_\_\_\_\_. *Meditação da Técnica*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Limitada. 1963.

\_\_\_\_\_. Las Atlántidas. *In: Revista de Occidente (Org). Obras Completas.* Madri: Alianza Editorial. 1983.

ORTIZ, Renato. A Escola de Frankfurt e a questão da cultura. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.1, n.1. São Paulo, 1986. Disponível em [http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=236:rbc-01&catid=69:rbc&Itemid=399](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=236:rbc-01&catid=69:rbc&Itemid=399). Acesso em 15 de outubro de 2014.

SAAVEDRA, Luis. *El pensamiento sociológico español*. Madrid: Taurus Humanidades. 1991.

VELASCO, Juan Carlos. *Para leer a Habermas*. Madrid: Alianza. 2003.